

# **5ª Parte**

---

**Transcrição**

# No Monte Parnaso

## Movimento parnasiano cumpriu seu papel na nossa história literária \*

*Wilson Martins*

O tropismo secreto do poema é ser parnasiano, com influência sintática, rigor técnico, temática elevada e vocabulário apropriado. Não se trata de “escola” literária, mas da natureza profunda do que, desde que a inventaram, se entende por poesia, não a dos sentimentos, mas a do artesanato artístico. No caso brasileiro, escreve Sânzio de Azevedo, “é possível que, com o correr dos tempos, o Parnasianismo (...) possa ser visto e analisado não evidentemente como o estilo ideal como o imaginavam os corifeus do movimento, nem como o símbolo do artificialismo, segundo a visão preconceituosa de grande parte dos livros didáticos de hoje, mas como uma corrente literária que, a exemplo de outras, anteriores e posteriores, teve figuras de grande, médio e pequeno porte, e cumpriu seu papel em dado momento da nossa história literária” (O Parnasianismo na poesia brasileira. Fortaleza/Sobral: UFC, 2004).

Graças, por um lado, às simplificações escolares e, por outro, à força aparentemente irresistível às idéias feitas, é postulado dogmático em nosso pensamento crítico (se podemos chamá-lo de pensamento) que, equiparando os grandes poetas parnasianos aos seus epígonos menos dotados, recusam-se, desde logo, no ponto de partida, ao simples exercício da leitura desprevenida. Olavo Bilac transformou-se aos poucos em poeta maldito de quem os espíritos superficiais só se aproximam com risos escarninhos: para condená-lo, não é preciso lê-lo, procedimento que, com referência a qualquer outro seria inadmissível, mas que, na hipótese, é propriamente escandaloso.

Modelar na pesquisa, na cobertura da matéria e no equilíbrio judicativo, este livro não pode ser ignorado, iniciando, como inicia, uma nova idade nos estudos parnasianos fora da “escola”, quero dizer, fora do seu período convencionalmente histórico, e, por outro lado, que a famosa “impassibilidade” não caracteriza o que denomina de “parnasianismo no sentido brasileiro do termo”, ele estabelece as duas coordenadas essenciais para o estudo e a compreensão da matéria. Quanto a duração aceita, “se recuarmos o advento do

---

\* *O Globo*, Rio de Janeiro. Prosa & verso.

parnasianismo para 1878, ano das ‘canções românticas’ (que sabemos não tão românticas), de Alberto de Oliveira, ainda assim os românticos terão dominado as letras nacionais por 42 anos. Já no princípio do Parnasianismo (1878 ou 1882) até a primeira manifestação do Modernismo (1922), vamos ter 40 ou 44 anos”.

No interior dessa cronologia apareceram e escreveram os nossos simbolistas: no interior, digo bem, e não em seqüência cronológica, de forma que o simbolismo foi uma ilha cercada de parnasianismo por todos os lados, a tal ponto que, tecnicamente e ainda pela prática sistemática do soneto, seus poetas só se distinguiram pela busca da musicalidade (a que os bons parnasianos tampouco eram estranhos) e pelo misticismo – diante do paganismo e da estatuaria dos parnasianos. Houve, é certo, os fronteirços ou transicionais do chamado penumbrismo, entre eles Mário Pederneiras, não acolhido por Sânzio de Azevedo e até encarado com algum desprezo, ao ponto de contestar o apreço em que o tinha Martins Fontes. Ora, se já o situei “ao nível emocional da classe média” nem por isso será possível ignorá-lo como autor de “Suave caminho”, soneto parnasiano clássico entre muitos, comparável e até superior, a boa parte dos que foram aqui recenseados (Mário Pederneiras. *Poesia reunida*. Int. Antonio Carlos Secchin. Rio: ABL, 2004).

Sânzio de Azevedo demonstra com abundância que os parnasianos da escola, de temperamento ou de contágio, de maior estatura, espalham-se, como é natural, pelas diferentes cotas de nível de Monte Parnaso, todos voltados para as poucas figuras luminosas do topo, inclusive e dominando-as todas o incomparável Olavo Bilac, fanal da terminologia baudelairiana, cuja perfeição costuma deixar os críticos de mal humor na esteira do soturno José Veríssimo, pouco simpático as frivolidades estéticas. Em carta de 27 de abril de 1887 a Alberto Oliveira, ele rejeitava o epíteto de “impassíveis” com que se designavam os parnasianos, assim se antecipando ao que Sânzio de Azevedo denomina a nossa peculiar forma de ser parnasianos. É o documento essencial da questão, transcrito em parte neste livro. Referindo-se a um artigo de Urbano Duarte, contestava a “acusação de impassíveis atiradas aos atuais poetas do Brasil. Diz o elegante cronista que ‘o parnasianismo, de que os nossos atuais poetas usam e abusam, é uma escola perecível, simples produto da moda.’ (...) No Brasil nunca houve parnasianismo. O que há entre nós atualmente é a febre da Perfeição, a batalha sagrada pela Forma, em serviço da idéia e da Concepção. O Parnasianismo (...). tem a sua profissão de fé nestes versos de Catulle Mendès e Mallarmé (sic) (...). Mas, por Apolo! Não é essa a musa que

servem, meu Alberto, nem a quem servem o Raimundo, o Delfino, o Rodrigo Otávio, o Valentim, o Alberto Silva, o Filinto, o Teófilo e outros. Não é diante dessa deusa de bronze, que não quer soluços humanos no canto dos poetas (...)." (W. M. História da inteligência brasileira, IV, 1996).

Com generosidade de sentimentos e também para realçar a importância do seu grupo, além da falta de perspectiva quando tratamos dos contemporâneos, Bilac colocava gente demais no topo do Monte Parnaso, muitos deles redistribuídos, por Sânzio de Azevedo em outras cotas de nível. Alberto Silva, por exemplo, tendo tido renome no seu tempo, está completamente esquecido, enquanto outros têm passado por releituras reavaliadoras. De qualquer maneira, conclui ele, "ainda é tempo de pôr o Parnasianismo, com todas as suas qualidades e todos os seus defeitos, no lugar que lhe cabe na literatura brasileira", com isso compondo o mais amplo repertório da escola até agora aparecido, para além da famosa "trindade" dos manuais e da infundável progênie que acabou produzindo.